

AGOSTO de 1931 — A cidade e porto de Vera Cruz é para o viajante um pequeno purgatório encravado entre a terra e o mar. Os seus moradores, porém, sentem-se muito satisfeitos consigo mesmos e com a cidade que ajudaram a criar. Iniciados nos costumes locais, que reflectem a sua história e o seu temperamento, vão vivendo uma existência ora violenta, ora letárgica, com um risonho desprezo pela opinião alheia, estribados na fagueira ideia de que os seus hábitos e sentimentos estão acima de toda a crítica.

Quando folgam nas suas frequentes festas públicas e privadas, a imprensa noticia tais ocorrências numa prosa lírica, falando da alegria reinante e exaltando o gosto exuberante e aristocrático — para ela, termos sinónimos — das decorações e das comidas e bebidas, e desmancha-se em elogios à habilidade com que as pessoas da alta-roda sabem dosear a cortesia mais requintada com uma fácil jovialidade, segredo esse dos Vera-Cruzanos que a sociedade provinciana da capital inveja furiosamente e em vão procura imitar. «Só a nossa gente sabe divertir-se com largueza e maneiras civilizadas», escrevem os jornais. E prosseguem: «Somos generosos, cordiais, hospitaleiros, compreensivos.» Isso destina-se a ser lido não só por eles próprios, mas pelos bárbaros políglotas do Planalto Central, que teimam em considerar Vera Cruz apenas como um pestilento lugar de embarque.

Há talvez um ligeiro sintoma de má consciência na pugnacidade com que essas asserções são feitas, bem como na metódica brutalidade de tratamento por via de regra dispensado aos viajantes que têm de passar pelas mãos dos Vera-Cruzanos antes de alcançarem o refúgio temporário de algum navio surto no porto. Os forasteiros só pensam em pôr-se ao largo e o único desejo dos habitantes é vê-los pelas costas — não, porém, sem primeiro lhes arrancarem todos os tributos, remunerações e gorjetas devidos à cidade e aos seus cidadãos. É realmente, aos olhos do visitante ocasional, uma típica cidade portuária, cínica por natureza, desavergonhada por experiência, afeita a expor aos olhos de estranhos os seus aspectos mais sórdidos: nove vezes em dez, o viajante em trânsito é um carneiro a pedir que o tosquem, sendo o décimo um patife que seria uma lástima não empandear. Num caso como no outro, o que é preciso é tirar-lhes o dinheiro. E o tempo urge.

No calor tórrido das primeiras horas de uma manhã de Agosto, alguns plácidos cidadãos da classe que veste de linho branco atravessaram sem pressa o chão recozido pelo sol da praça pública, à sombra poeirenta das magnólias, e foram sentar-se calmamente na esplanada do Palácio Hotel. Esticaram as pernas para refrescarem as solas dos sapatos, chamaram pelo nome o criado baixote e suarento e pediram limonadas geladas. Há várias gerações que todos eram companheiros de infância e tinham casado com irmãs, primas e tias uns dos outros. Conheciam mutuamente os negócios, contavam uns aos outros todos os mexericos de que tinham notícia e, por sua vez, ouviam repetir tudo quanto haviam contado. Tinham mesmo assistido, com uma intimidade de parteiras, aos acontecimentos mais memoráveis das vidas dos seus amigos. E, mesmo assim, encontravam-se quase todas as manhãs naquele lugar, a caminho dos seus escritórios ou casas de comércio, para gozarem uma derradeira hora de repouso e saberem das novidades antes de darem início ao dia de trabalho.

A praça estava deserta, com excepção de um índio emaciado, de pequena estatura, sentado num banco debaixo de uma árvore — um índio do campo, que vestia calças de algodão branco encardido e camisa comprida, com um chapéu de palha, de abas largas e recurvas, puxado para os olhos. Os pés, de unhas escalavradas e calcanhares gretados, dentro de umas sandálias seguras por correias que haviam rebentado e que o dono atara com nós, mantinham-se unidos sobre a terra cinzenta, numa postura humilde. Com o tronco erecto e os braços cruzados, parecia dormir. Num gesto sonolento, empurrou o chapéu para trás, tirou da cinta de algodão entrançado um rolo de *tortillas* frias e pôs-se a comê-las, de olhos ora a vaguear, ora a fixar-se ao longe, cravando com força os dentes quadrados no pão coriáceo, mastigando e engolindo sem prazer. Os homens da esplanada não lhe prestavam atenção, salvo como fazendo parte da paisagem, nem ele tão-pouco parecia notar-lhes a presença.

O mendigo que vinha todas as manhãs à esplanada, à hora em que começava o movimento, surgiu à esquina, arrastando-se com dificuldade sobre os cotos dos quatro membros metidos em bainhas de couro amarradas com cordões. Ainda muito jovem, fora preparado para aquele ofício por um mestre na arte de mutilar e deformar, num trabalho tão perfeito que lhe tirara quase toda a aparência de ser humano. Mudo e meio cego, aproximou-se com o nariz rente ao passeio, como se estivesse a seguir um rasto. De vez em quando parava para descansar e sacudia lentamente a medonha cabeça melenuda, de um lado para o outro, com uma expressão de sofrimento intolerável. Os homens sentados em redor da mesa relancearam-lhe um olhar como aquele que se lança a um cão repulsivo que não merece sequer um pontapé. E ele, pacientemente, esperou junto de cada um até ouvir o tinir das moedas de cobre na bolsa de couro aberta que trazia afive-

lada ao pescoço. Um deles estendeu-lhe metade de um limão espremido, e o desgraçado ergueu-se sobre as ancas, abriu a boca hedionda para receber o fruto e tornou a cair, a remoer com as mandíbulas. Depois atravessou a rua em direcção à praça e deitou-se debaixo da árvore, contra as costas do índio, que nem sequer se voltou para olhar.

Os homens seguiram-no com os olhos ociosos e inexpressivos, como quem vê um pedaço de jornal velho arrastado pelo vento. Ainda ociosos, mas já com o ar apreciativo de entendidos, fixaram-se nas jovens operárias que iam aos bandos para o trabalho, todas vestidas de algodão muito ligeiro e de cor clara, com vistosos pentes de celulóide azul ou cor-de-rosa nos cabelos pretos, e nas jovens da classe superior, em trajos de missa, com gazes vaporosas e finas mantilhas de renda preta sobre os altos pentes de tartaruga, que entravam vagarosamente, já com os amplos leques pretos abertos, na igreja do lado fronteiro da praça.

Desaparecida a última das raparigas, os olhares dos desocupados passaram a interessar-se pelas diabruras, quotidianamente repetidas, dos animais que habitavam as varandas e sacadas das janelas mais próximas. Um grande gato cinzento, enroscado sobre si mesmo na janela de uma casa, não perdia um único movimento do seu inimigo, o papagaio, aquele intruso que falava como se fosse gente e que tantas vezes o enganara com chamamentos para almoçar. O papagaio revirava o olho de ágata bronzeada para o pequeno macaco que começava a troçar dele todas as manhãs ao nascer do Sol, e assim continuava durante o dia inteiro, numa linguagem que o outro não entendia. O macaco saltou da grade vizinha tanto quanto lhe permitia o comprimento da corrente, e a ave pôs-se a soltar guinchos agudos e a bater as asas, puxando pela corrente que a prendia pela perna. Farto da brincadeira, o macaco voltou as costas e o outro recobrou a calma e acomodou-se, praguejando monotona-mente e espanejando-se. O cheiro dos cocos rachados no cabaz de um vendedor lá em baixo tentou o macaco, que saltou da sacada, ficando a balouçar pendurado pela cintura fina. Furioso, tornou a trepar pela corrente.

Um braço nu de mulher surgiu da janela, oferecendo uma banana podre de madura ao papagaio. Este resmungou um agradecimento, pegou no fruto com uma das patas e pôs-se a comer, fixando um olhar mau no símio, que pairava, cheio de medo e de cobiça. O gato, que desprezava ambos e não temia nem um nem outro, pois era senhor de lutar ou de correr conforme lhe apetecesse, sentiu-se excitado pelo cheiro da carne crua e algo estragada que pendia em grandes pedaços na montra aberta do açougueiro, debaixo da janela. Momentos depois, o bichano descia silenciosamente para o meio dos despojos espalhados aos pés do proprietário. Um cão lazarento saltou sobre ele, a rosñar. Então travou-se uma bela corrida, entremeada de uivos e latidos, até à árvore mais próxima, pela qual o gato marinho com a ajuda das garras, enquanto o cão, na sua fúria cega, ia esbarrar nos pés submissos do índio sentado no

banco. Sem sequer sair da sua imobilidade, o índio balançou a perna abaixo do joelho e, rápido, com excelente pontaria e perfeita economia de forças, vibrou com a borda da sandália um pontapé nas costelas salientes do cão, que quase voou em direcção à loja do açougueiro, sempre a ganir.

Um dos homens bocejou às escâncaras, alisou o jornal que jazia amarrado diante dele e voltou a analisar a fotografia de página inteira, que mostrava um cadáver mutilado e esventrado ao pé da pequena cratera aberta pela explosão de uma bomba no pátio do consulado da Suécia, com vasos de plantas e pássaros em gaiolas ao fundo. A única vítima, afinal, fora um pequeno criado índio. O rosto ficara intacto, e os olhos, muito arregalados, tinham uma expressão de tristeza resignada. Uma das mãos pousava, num gesto delicado, sobre o novelo de entranhas coalhadas de sangue junto ao corpo. Um homem ergueu-se de uma mesa vizinha e veio observar também a fotografia do jornal. Abanou a cabeça. Era mais velho que o primeiro, com um rosto escuro e oleoso, o fato de linho branco e o colarinho mole empapado de suor.

— Que serviço mais reles! — comentou em voz bastante alta. — Um erro, como sempre!

— Naturalmente — respondeu o outro. — É isso mesmo que diz o jornal.

Puseram-se a ler o artigo de fundo. O articulista tinha a plena convicção de que ninguém em todo o México, e muito menos em Vera Cruz, queria mal ao cônsul da Suécia, que sempre se mostrara um amigo firme da cidade, o mais civilizado e respeitável de todos os seus residentes estrangeiros. A bomba, aliás, destinava-se a um rico e inescrupuloso senhorio, que habitava a casa contígua. Por um erro fatal, que merecia a mais severa reprovação, explodira no consulado. Ocorrências deste género, bem o sabia o articulista, podiam provocar os mais graves incidentes internacionais. Por conseguinte, a cidade de Vera Cruz apresentava desde já as mais sinceras e sentidas desculpas ao cônsul e à grande e pacífica nação por ele representada, prontificando-se a oferecer todas as reparações exigidas em tais casos pelas regras de cortesia entre governos. Por uma feliz casualidade, o cônsul encontrava-se ausente nessa ocasião, saboreando, como todas as tardes, o seu sumo de limão com *aquavit* em casa de amigos, em companhia de pessoas de família. A esperança de cada cidadão de Vera Cruz era que o cônsul da Suécia condescendesse em perdoar e esquecer o trágico erro, tendo em vista que os tempos iam difíceis e ninguém estava a salvo de perigos. Ainda assim, o lamentável incidente podia ter uma certa utilidade como advertência aos desavergonhados e desapiedados exploradores dos honestos inquilinos vera-cruzanos, fazendo-lhes sentir que a revolução estava finalmente em marcha e que os trabalhadores se mantinham inflexíveis na sua resolução de pôr fim às injustiças sociais e económicas, bem como de tirar plena vingança dos abusos a que vinham sendo submetidos.

O homem mais novo voltou a página e os dois continuaram a ler juntos. O articulista desejava explicar uma outra ocorrência. Evidentemente, ninguém tinha culpa de que a festa planeada para comemorar a explosão da bomba se tivesse realizado assim mesmo, apesar do falhanço desastroso da tentativa. Os preparativos tinham custado dinheiro e trabalho, os fogos-de-artifício haviam sido encomendados e pagos com oito dias de antecedência e o espírito de triunfo andava no ar. Seria sumamente inglório decepcionar os festivos trabalhadores de Vera Cruz, as suas encantadoras esposas e os filhos, nascidos num mundo novo em que a liberdade sorria a todos. Era, naturalmente, um dia de luto para a comunidade esse em que um rapaz honesto, humilde membro da espezinhada classe proletária, encontrara uma morte tão prematura. Estava projectado um grandioso funeral, com todas as honras devidas a um mártir da sublime causa da liberdade e da justiça, além de que seria oferecida à desolada família uma ampla compensação material. Já havia dois camiões carregados de flores à espera, produto das contribuições voluntárias de todos os sindicatos da cidade. Cinco bandas tocariam marchas fúnebres e hinos revolucionários desde a porta da catedral até à beira da sepultura e contava-se com a presença no imenso préstito de todos os trabalhadores capazes de se deslocarem pelos seus próprios pés.

— Apre, está cada vez mais calor! — disse o mais novo, enxugando a nuca com o lenço.

— Vê-se que essa canalha está pronta para tudo — retorquiu o mais velho, falando a meia-voz e quase sem mover os lábios. — Há mais de um ano que nenhum deles me paga um peso de aluguer e é bem possível que nunca mais receba um centavo. Vivem a catar os piolhos à minha custa naquele bloco de trinta e cinco casas no Bairro de Soledad... — Os dois entreolharam-se em silêncio. — Parece que não se dão conta de que isso é uma faca de dois gumes.

O mais novo acenou afirmativamente com a cabeça e afastaram-se para longe dos criados.

— Os meus sapateiros fizeram greve quatro vezes em sete meses — disse o mais novo. — Andam a falar, quase nas minhas barbas, em tomar conta da fábrica. No dia em que o tentarem, fique certo de que o fogo há-de comer tudo. Tenho aquilo bem coberto pelo seguro.

— Que mais esperamos? — perguntou o mais velho, esquecendo o seu tom comedido para se abandonar a uma onda irresistível de violência. — Porque não trouxemos cinquenta metralhadoras para acabar com a manifestação da noite passada? Eles ainda não são donos do exército. Porque não requisitamos a tropa? Cinquenta metralhadoras? Porque não cinco mil de uma vez? E um carregamento de granadas de mão? Que é isto? Estamos a ficar idiotas?